

## O FENÔMENO DO DIALOGISMO ESTUDOS DA DIMENSÃO INTERATIVA DA LINGUAGEM

*Gil Roberto Costa Negreiros*  
(PUC-SP, UNIVERSITAS, FASAMA)

**PRETI, Dino (Org.).** *Diálogos na fala e na escrita.* São Paulo: Humanitas, 2005, 343 p.

(nurc@edu.usp.br)

A obra *Diálogos na Fala e na Escrita*, organizada pelo Grupo de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (NURC-SP), vem completar uma lacuna nas pesquisas lingüísticas brasileiras. Ao tratar do dialogismo no âmbito da oralidade e da escrita, a referida coletânea estuda a língua portuguesa dentro de uma dimensão profundamente interativa da linguagem, tanto oral quanto escrita.

Organizado pelo lingüista Dino Preti, o sétimo volume da coleção *Projetos Paralelos*, em suas 343 páginas, é composto por doze artigos, escritos por pesquisadores de diversas áreas dos estudos lingüísticos. Esses lingüistas tratam do fenômeno dialógico, na citada obra, por meio de *corpora* textuais orais e escritos, bem como referenciais teóricos de diversos segmentos científico-lingüísticos.

Os dois primeiros artigos de *Diálogos na Fala e na Escrita* tratam do texto oral produzido na aula expositiva. No primeiro, *O diálogo professor/aluno na aula expositiva*, Luiz Antônio Silva busca “estudar aspectos do diálogo que se estabelece entre professor e alunos na sala de aula, mais especificamente as interrupções que os alunos fazem no discurso do professor” (p. 19). Como problematização motivadora da pesquisa, Silva postula que seu estudo foi orientado pelos seguintes questionamentos: “Quais são as implicações [da aula expositiva]? Há prejuízos no desenvolvimento da aula? De fato, as interrupções constituem uma manifestação de poder?” (p. 19).

Por seu turno, Luiz Antônio Marcuschi, no segundo trabalho, intitulado de *O diálogo no contexto da aula expositiva*, visa a investigar, em exemplos discursivos de aulas expositivas universitárias, a natureza da interação entre professor e aluno. Desta maneira, Mar-

cuschi, para estudar tal fenômeno, concentra suas observações nos momentos do diálogo entre esses sujeitos do discurso. Além disso, o autor busca identificar o formato das aulas expositivas universitárias “quanto ao tipo de relação dialógica estabelecido nas iniciativas de perguntas e respostas na troca de turno” (p. 46). Segundo o pesquisador, o diálogo entre professor e aluno, produzido nesse tipo de contexto situacional, pode ser visto como uma das possíveis estratégias de interação.

Continuando a linha de análise de *corpora* retirados de textos conversacionais transcritos, Marli Quadros Leite, em *O diálogo no diálogo: a dupla expressão do discurso do outro*, aborda como os falantes “constroem os sentidos de seus enunciados, por meio da citação de outros discursos, isto é, de enunciações encaixadas, que tanto podem ser de terceiros como dos próprios falantes” (p. 85). Entretanto, ao contrário de Silva e Marcuschi, que seguem a linha teórica da Análise da Conversação, Leite parte de teorias relacionadas à Análise do Discurso e à Pragmática Lingüística, mas especificamente dos estudos de Bakhtin, Authier-Revuz e Ducrot. Apoiada neste referencial teórico, a autora comenta o efeito de sentido que se forma por meio de uma enunciação em outra, observando, assim, a natureza das enunciações e das vozes citadas (cf. p. 86).

Como metodologia de análise bem definida e epígrafe instigante, José Gaston Hilgert abre o quarto capítulo com *Entendendo os mal-entendidos em diálogos*. Hilgert aborda a natureza e a noção dos mal-entendidos em textos falados, produzidos, segundo o autor, em contextos e situações variadas. Dessa forma, o pesquisador descreve como os interlocutores conduzem a solução de alguns problemas compreensivo-interacionais.

Ieda Maria Alves, em *O emprego da metalinguagem em diálogos jornalísticos*, busca analisar, em *corpus* estabelecido por meio de entrevistas veiculadas pelas revistas *Veja* e *Istoé*, “os aspectos metalingüísticos de caráter reformados de uma unidade lexical, sua definição ou sua explicitação”. Assim, Alves estuda a metalinguagem, apresentada de forma mais explícita, por meio da qual a unidade lexical é enfatizada, destacada entre as demais.

Também na seara de textos midiáticos, Zilda Gaspar Oliveira de Aquino observa a interação entre os participantes de um debate

televisivo, transmitido pela *TV Câmara*, no programa *Câmara Agora Especial*. Em *Diálogos da mídia – o debate televisivo*, a autora, baseada nos princípios teóricos sócio-interacionistas, mais precisamente nos trabalhos de Tannen, Goffman, Gumperz e Orecchioni, investiga a linguagem em seu papel constitutivo do contexto e das relações entre os interlocutores. Segundo Aquino, “as análises permitiram compreender, de certo modo, como funcionam os mecanismos de linguagem em um evento específico de discurso, qual seja, o debate televisivo” (p. 191).

Fora do prisma do texto conversacional “real”, Hudinilson Urbano, por meio de *O diálogo teatral na perspectiva da Análise da Conversação*, analisa um trecho do script de uma peça teatral (*Pérola*, de Mauro Rasi), comparando-a com sua dramatização ou, nos dizeres do autor, com sua oralização.

O autor apresenta, como hipóteses, duas premissas, a saber: (1) a passagem da fala idealizada, do contexto escrito para o falado, é moldada por recriações e mudanças de várias espécies; (2) “o autor teatral dá um texto escrito ao ator, mas este retribui, dando um texto oralizado [...] ao texto daquele” (p. 195-6). Tais Hipóteses são confirmadas no decorrer do estudo. Assim, por meio de levantamentos estatísticos precisos, Urbano localiza as inúmeras alterações encontradas na comparação entre texto escrito (script) e texto falado (texto encenado).

Sob o ponto de vista das teorias do discurso, em particular a Semiótica Discursiva de linha francesa, Diana Luz Pessoa de Barros examina as estratégias do discurso, empregadas por cada interlocutor, para “seduzir” o outro, levando-o, assim, a acreditar em certos valores e, sobretudo, fazendo-o agir de acordo com o que o “sedutor” dele espera. Para tanto, a autora escolheu, como *corpus* de análise, texto falado conversacional, fato que, segundo a pesquisadora, é considerável, haja vista que as teorias do discurso ainda “não se dedicaram, com raras exceções, ao exame dos textos de língua falada e, sobretudo, aos conversacionais” (p. 226).

Barros divide *A sedução nos diálogos* em duas partes. Na primeira, propõe algumas reflexões sobre os conceitos de “polidez” e de “sedução”. Na segunda, a pesquisadora classifica alguns excertos de acordo com procedimentos de intensificação e de atenuação dis-

cursiva. Segundo a autora, mesmo em diálogos mais distensos do ponto de vista interacional, o uso de estratégias de sedução é bastante acentuado.

O organizador de *Diálogos na Fala e na Escrita* dá sua contribuição no nono capítulo, intitulado de *O diálogo num confessionário*. Nele, Preti postula que o diálogo ficcional na literatura (ou a “conversação literária”) pode ser enquadrado na perspectiva do dialogismo.

Desta forma, o pesquisador propõe analisar um texto literário (*Confissão*, de Luiz Vilela), sob o ponto de vista teórico da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional. Sugere o autor duas abordagens metodológicas, por ele definidas como “microanálise” e “macroanálise do texto”. Na primeira abordagem, observar-se-á o contexto histórico ou geográfico em que o diálogo se instaura, bem como as principais características das personagens da conversação literária. Por sua vez, na microanálise, o examinador pode observar (1) a situação de interação, (2) as estratégias conversacionais e (3) as “marcas” da oralidade, como as hesitações e as metamensagens.

Percebe-se que Preti não apenas analisa um diálogo literário, como também explicita uma nova abordagem metodológica, a ser seguida por pesquisadores que desejarem trabalhar com aspectos sócio-interacionais no texto literário.

Paulo de Tarso Galembeck, por sua vez, discute os procedimentos mais comuns de expansão do tópico discursivo na interação simétrica. Para isso, o autor, primeiramente, conceitua “tópico” e expõe as propriedades desse item. Em seguida, analisa, tendo como *corpus* diálogos entre dois informantes, “os três procedimentos mais frequentes de explicação do tópico: a explicação, a exemplificação (ou analogia), as relações causais” (p. 277).

Segundo Galembeck, o desenvolvimento do processo interacional é constituído pelo tópico discursivo, uma vez que os interlocutores empregam-no com uma finalidade interacional, ou seja, fazem com que o assunto discutido se torne importante, além de ser inserido no universo cognitivo e conceitual dos interlocutores.

Em *As crônicas de Carlos Heitor Cony e a manutenção de um diálogo com o leitor*, Maria Lúcia da Cunha Andrade faz uma re-

flexão sobre o papel social que a crônica exerce no jornal em que é publicada. Além disto, propõe a autora uma análise da interação entre cronista e leitor. Assim, Andrade observa “a dialogicidade estabelecida na crônica, buscando investigar as condições de produção e as estratégias empregadas pelo enunciador para recriar o cotidiano” (p. 300).

Por sua vez, em *A crônica em Lima Barreto: dialogismo fala/escrita*, Leonor Lopes Fávero fecha a obra, examinando, à luz da Análise da Conversação, da Sociolinguística Interacional e da História Cultural, crônicas de Lima Barreto, produzidas no início do séc. XX. Fávero postula, em seu trabalho, que há, na crônica, um diálogo entre as personagens, o cronista-narrador e o hipotético leitor.

Percebe-se que os doze artigos foram organizados, em *Diálogos*, de acordo com os respectivos temas. Contudo, em futuras edições, tal organização poderá, talvez, ser repensada. Uma seqüência mais bem definida com relação aos *corpora* escolhidos (agrupando, em partes, os artigos que tratam do dialogismo em textos conversacionais “reais”, em textos midiáticos e em textos literários) pode ser um item facilitador para o leitor-pesquisador.

Em síntese, *Diálogos na fala e na escrita*, ao buscar discutir a dimensão interativa da linguagem, traz importantes contribuições não só para a linguística, mas também para vários campos das ciências humanas, uma vez que, segundo Marcuschi, “por alguma razão, talvez para a sobrevivência da espécie humana, somos seres irredutivelmente interativos” (p. 45).